

A representação das crianças no conflito Israel-Hamas pelo *Jornal Nacional*¹

Lara Cavalheri SOARES²
Lara Rezek Alvez de SOUZA³
Ana Lua Bacelar de SOUZA⁴
Susana Azevedo de REIS⁵
Christina Ferraz MUSSE⁶

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar como foram representadas as crianças envolvidas no conflito Israel-Hamas nas reportagens veiculadas pelo telejornal *Jornal Nacional*, da TVGlobo. As matérias serão analisadas através de quatro categorias: “contexto”, “metáfora”, “vozes” e “edição”, com base em Musse *et al.* (2022). A revisão teórica inclui discussões sobre o conceito da subjetividade no jornalismo (Moraes, 2022). Acreditamos que essas matérias apresentam um formato cada vez mais emergente no telejornalismo, que privilegia a subjetividade, através da veiculação de conteúdos sensíveis, muitas vezes oferecendo destaque às crianças.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; subjetividade; crianças; conflito; *Jornal Nacional*.

A COBERTURA SENSÍVEL DE CONFLITOS NO TELEJORNALISMO

Este trabalho se propõe a compreender como o telejornalismo brasileiro está construindo narrativas que apresentam crianças em situações de conflito. Assim, a análise se faz a partir de representações textuais e imagéticas de crianças na área do conflito entre o grupo Hamas e o Estado de Israel, no *Jornal Nacional* (JN). O conflito, iniciado no dia 7 de outubro de 2023, foi uma ofensiva do grupo terrorista, que matou mais de

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, infâncias e adolescências, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista BIC/UFJF, email: lara.cavalheri@estudante.ufjf.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista voluntária, email: lara.rezek@estudante.ufjf.br

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF, bolsista voluntária, email: ana.bacelar@estudante.ufjf.br

⁵ Doutoranda em comunicação no PPGCOM-UFJF, bolsista CAPES, email: susanareis.academico@gmail.com

⁶ Doutora em comunicação, professora do PPGCOM-UFJF, email: cferrazmusse@gmail.com

1200 pessoas. A resposta dos israelenses foi a invasão da Faixa de Gaza, ocupada pelo povo palestino (Thomas, 2023).

Objetiva-se, assim, analisar a cobertura jornalística do conflito entre Israel-Hamas, feita pelo *Jornal Nacional*, a partir do conceito de jornalismo de subjetividade de Fabiana Moraes (2022). De acordo com a pesquisadora, a subjetividade não deve ser vista como antagonista de um jornalismo de qualidade. Pelo contrário, exige que todo o processo de investigação e apuração seja feito, mas com outra perspectiva, que busque se diferenciar daquela já tão presente nos meios hegemônicos e tradicionais. Esse processo deve ocorrer desde a escolha dos temas e das fontes entrevistadas, até a edição final do produto jornalístico.

As crianças não fazem parte do dia a dia das pautas dos telejornais feitos por adultos e para adultos, levando a uma limitação das representações da infância nos telejornais. Esta representação é mediada pelo jornalista, que é quem narra e reforça padrões e estereótipos sobre o universo infantil. Recentemente, os telejornais têm dedicado mais tempo a narrar histórias de pessoas comuns, em que o conteúdo tende a privilegiar temas sensíveis, desta maneira, as crianças, usualmente mais frágeis e indefesas, têm se tornado objeto de várias reportagens. (Musse *et al*, 2022).

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, ONU, em quatro meses de guerra, cerca de 12.300 crianças morreram em Gaza - número maior do que aquele de todas as guerras de 2019 a 2022 combinadas (ONU, 2024). Nas redes sociais, números como esses são enfatizados a todo momento, com o intuito de sensibilizar os usuários das redes. Por outro lado, na cobertura telejornalística, é possível observar uma assepsia maior, o que, como ressalta Moraes, reforça a ideia do jornalismo como agente “isento”. Entretanto, já no momento de escolha de quais informações serão ditas, quais e como as imagens serão mostradas e na escolha das vozes escutadas, essa isenção sai de cena.

ANÁLISE DO CONFLITO ISRAEL-HAMAS NO JN

A amostra para o estudo compreende 21 edições do *Jornal Nacional* exibidas no primeiro mês da cobertura do conflito, entre sete de outubro e 31 de outubro de 2023. O percurso metodológico utilizado é a “análise de temas sensíveis no telejornalismo” (Musse *et al*, 2022), que se propõe a observar as reportagem por meio de quatro categorias para o estudo de caso: contexto, metáfora, vozes e edição (Quadro 1).

A categoria “contexto” corresponde aos elementos verbais e não-verbais utilizados para situar o conflito; “metáfora” abrange a construção textual e imagética, a partir de sentidos figurados, no desencadeamento das ideias e fatos apresentados, bem como do estilo narrativo adotado pela equipe na produção. A categoria “vozes” elenca as fontes e atores presentes na narrativa jornalística, e, na categoria “edição”, busca-se interpretar os recursos audiovisuais empregados para a ampliação dos sentidos pretendidos.

Quadro 1 - Destaques dos resultados obtidos a partir da categorização

Categorias	Destaques
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> • Sons da guerra (míssil, bombardeio, choros e gritos) como efeito de real e como efeito de imersão; • Arte gráfica destaca fontes documentais, notas oficiais e de autoridades, postagens em redes sociais e matérias digitais nas reportagens; • Contextualização verbal, no que o <i>Jornal Nacional</i> apresenta como sendo um “relato” de Paola de Orte; • Contextualização não-verbal caracterizada pelo uso de muitas imagens de objetos e construções danificados e queimados, camisetas com fotos de mortos e expressões de dor e sofrimento nos rostos das pessoas; • Utilização de mapas e recursos gráficos nas reportagens.
Metáfora	<ul style="list-style-type: none"> • Representa a guerra como o que separa famílias e como elemento de um fim da infância; • Destaque em elementos que remetem ao infantil com o contraste de detalhes de guerra, como brinquedos quebrados e queimados e mochilas estragadas e abandonadas; • Destaque em imagens que remetem ao fim de uma civilização como prédios destruídos, casas e objetos abandonados e o contraste da imagem de ruas desertas com a de ruas cheias de famílias correndo para fugir ou se abrigar; • Contextualização verbal e não verbal com o uso de imagens de camisetas estampadas com rostos (protesto e luto) e frases em placas e muros como “Bring our children home”, que significa “Traga nossas crianças para casa”.
Vozes	<ul style="list-style-type: none"> • Vozes oficiais; • Cidadãos anônimos, homens e mulheres são o tom factual; • Relatos de crianças trazem um tom de dramatização maior dos acontecimentos; • O silêncio dos repórteres e correspondentes tem destaque nas matérias, para dar lugar ao som do espaço e aos sons de guerra.
Edição	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de imagens amadoras de celulares e de câmeras de segurança; • Destaque ao som ambiente, em contexto de guerra, como efeito de real e de imersão; • Destaque ao espaço do cotidiano, pequenos detalhes da vida comum, da rotina interrompida; • Maior uso de imagens de crianças com suas famílias em relação a imagens de soldados e autoridades, em contexto de outras matérias; • Utilização de muitas imagens de explosões, bombardeios, prédios destruídos e espaços danificados pela guerra.

Fonte: elaborada pelas autoras

Na categoria “Contexto”, procuramos dar destaque aos artifícios usados nas reportagens para situar geograficamente e historicamente o telespectador. No caso de nossa amostra, o uso mais recorrente foi o de mapas, que localizam as cidades atingidas por bombardeios, além de serem usados em contextos históricos e políticos explicados nas reportagens. Observamos também o uso dos recursos gráficos, quando alguma fonte documental era mostrada, além de imagens de matérias em sites, mídias e pronunciamentos publicados em redes sociais.

Ainda em “Contexto”, nos atentamos aos sons e efeitos sonoros utilizados nas matérias, que permitem uma maior e mais clara identificação e trazem o efeito de imersão na narração dos fatos. Os sons característicos de guerra como os de explosões, gritos, choros e objetos e construções caindo ou sendo destruídos se fazem presentes na maior parte das gravações. Nesse sentido, Paola de Orte, correspondente em Tel Aviv, ainda consegue trazer um tom de relato às matérias por estar em Israel. Também é possível observar que se sobressai a transmidialidade nas edições, visto que, em todas elas, há a conexão de redes sociais e sites para complementar as informações das reportagens.

Em “Metáfora”, é indispensável pensarmos na forma de condução da narrativa, em que mesmo que as imagens mais gerais da destruição da guerra estejam mais em evidência em relação às imagens das crianças, as imagens que mostram, ou que de alguma forma se relacionam com a infância, trazem consigo um ar maior de dramaticidade, com pausas maiores entre as falas, takes mais fixos e direcionados e ênfase das informações que envolvam crianças ou bebês. A construção da narrativa do conflito como “fim da infância” está presente tanto nos objetos infantis queimados, quebrados e abandonados nas ruas, e destroços como brinquedos, mochilas e roupas pequenas, quanto nas imagens dos rostos machucados ou corpos de crianças.

Na mesma categoria, observamos o uso de imagens de grande significado, como a de camisetas estampadas com rostos de pessoas desaparecidas ou mortas em sinal de protesto e/ou luto, além de frases em cartazes, camisetas, homenagens e muros, como a aparição de um muro com a escrita “Bring our children home”, que significa “Traga nossas crianças para casa”, na edição do dia 14 de outubro de 2023. Este tipo de imagem traz a tentativa de sensibilização mais intensa diante dos acontecimentos no Oriente Médio.

Em relação às “Vozes”, temos uma proximidade maior dos acontecimentos com a correspondente Paola de Orte, de Tel Aviv. O tom da correspondente da Globo em Israel é o de um relato pessoal, relacionando os espaços de Tel Aviv, de antes e depois dos bombardeios. Mesmo assim, observa-se que há distância nas demais reportagens, pois não há mais correspondentes na zona de conflito. Há declarações oficiais dos presidentes, em seus respectivos gabinetes, testemunhos rápidos colhidos de anônimos nas ruas, choro e gritos. Às vezes, o silêncio parece ter mais valor do que as palavras.

Destacamos dentro da categoria “Vozes” a sonoridade marcada por esse silêncio. É possível identificar nesses vazios, sons de passos, o barulho de explosões e destroços, o resmungo das crianças e o som dos mísseis, também citado na categoria “Contexto”. O silêncio, incomum na reportagem televisiva do dia a dia, parece surgir como a grande “voz” nas matérias do telejornal. O tom dos repórteres é sereno e sério, em um ritmo bem mais pausado que em relação às matérias do dia a dia telejornalístico.

Assim, a partir da análise, é possível observar que há poucas imagens de crianças, considerando o tempo do programa dedicado ao assunto do conflito. Porém, chamam a atenção quatro momentos em que crianças são identificadas e são “Vozes” das matérias, ainda na primeira semana dos acontecimentos.

O primeiro deles ocorreu na edição do dia 10 de outubro de 2023, quando Izra, uma criança palestina de 13 anos, mostra a escola que estava servindo de abrigo para ela e outros pequenos palestinos e conta seu desejo por uma infância normal e sem guerras. Já no dia 11, Gil Ring, uma criança brasileira, cuja família mora em Tel Aviv, dá seu depoimento sobre a orientação do pai no caso dela ouvir as sirenes. O terceiro e o quarto momentos ocorreram na edição do dia 12 de outubro de 2023. No primeiro deles, Bader Monir, uma criança brasileira de 11 anos, mostra uma escola, localizada na Faixa de Gaza, na qual está abrigado com os irmãos e diz estar feliz por estar lá e que se sente mais seguro. Em um segundo momento da edição do telejornal, Ginan, palestina de 14 anos, conta o que estava fazendo quando o bombardeio começou, que a família teve que fugir mas que, mesmo assim, um dos seus tios morreu ao tentar se encontrar com a família.

Na última categoria, a de “Edição”, é importante observar o casamento bem costurado entre texto em off do repórter, imagens e som ambiente. Há a narração das imagens, principalmente daquelas que estão mais distantes, como quando são imagens de agências de comunicação, imagens amadoras, de câmeras de segurança ou exportadas de

redes sociais. Verificamos também, que há o constante destaque do espaço cotidiano de Israel, mostrando pequenos detalhes de ruas e ambientes e o contraste desses espaços de antes e depois dos bombardeios, dando a ideia de vida comum interrompida. Além disso, notamos maior uso de imagens de crianças com suas famílias em relação ao uso de imagens de soldados e autoridades, em contexto do conteúdo das matérias. Por fim, é perceptível a utilização de muitas imagens de explosões, bombardeios, prédios destruídos e espaços danificados pela guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que em caso de conflitos, como o que acontece entre Israel e o grupo Hamas, o tom humanizado dos relatos e a emoção contida em flagrantes do cotidiano interrompido revelam uma dimensão da guerra, que não mais mostra apenas as cenas grandiosas dos campos de batalha, mas também as pequenas histórias anônimas, muitas vezes contadas de forma intimista e confessional.

Este trabalho, assim, pretendeu evidenciar estes enquadramentos editoriais e novos formatos narrativos, que contemplam uma nova proposta de telejornalismo, ainda que possamos constatar que há muito a ser feito para que o telejornal em questão possa ser considerado um exemplo de jornalismo subjetivo, que registre um enquadramento diferente, capaz de sensibilizar pessoas e provocar engajamento e transformação

REFERÊNCIAS

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo desumanizado. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia; MUSSE, Mariana Ferraz; MIRANDA, Pedro Augusto Silva. **Crianças da guerra**: o telejornalismo brasileiro e a representação da infância. Anais do XVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), Buenos Aires, 2022. Disponível em: alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/795. Acesso em: 22 mai. 2023.

ONU News. Número de crianças mortas em Gaza supera estatísticas de quatro anos de conflitos globais. 13 mar. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/03/1829057>. Acesso em: 21 mar. 2024.

THOMAS, Merlyn. 20 mil mortos em Gaza: o que número de vítimas revela sobre o conflito. BBC News Brasil. **BBC Verify**. 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clmergn9gmro>. Acesso em 10 jan. 2024.